

Brilhante manifestação d'un talento



O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO. CARICATURISTA SILVA E SOUZA

ANNO 3.º

DIRECTOR E PROPRIETARIO ESTEVAO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHO GRAFADO NA EDITORIA L. COBE BRAGA, 50-LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA ESPERA, N.º 53-1.º LISBOA

ASSIGNATURAS ANNO... 8000 REIS
SEIS MEZES... 4500
TRES MEZES... 3000
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS. PRECO CONVENCIONAL

N.º 107

Terça feira, 15 de março de 1910

ATAQUE ÀS SECRETAS PELO D. QUIXOT'HOCHE



Hei-de apanhal-os nem que seja no cano geral.

Brilhante manifestação d'um talento

Contestação do Dr. Affonso Costa à querella do artigo "Ha 19 annos,,

CONTESTANDO

DIZEM

Estevão de Carvalho e Alberto Barbosa

CONTRA

O douto agente do M. P. junto do 2. districto criminal de Lisboa

1.º

O primeiro contestante, Estevão de Carvalho, é realmente o director e proprietario do Semanario de Caricaturas e Humoristico *O Xuão*, em cujo o numero 101, de 1 de fevereiro de 1910, foi publicado o artigo do segundo contestante, Alberto Barbosa (*Rei Luso*), sob o título «Ha 19 annos» . . . no qual se encontram sublinhadas e rubricadas pelo douto accusador publico as seguintes passagens:

«Lembremo-nos dos heroes, recordemos o 31 de janeiro e animados e fortalecidos prosigamos na lucta em que andamos empenhados e vamos á Revolução salvadora, n'este momento grave em que o reaccionarismo vae dominando em todas as classes, alugando bracos, pervertendo consciencias!

«Preparemo-nos, camaradas e com o ardor da nossa alma de revolucionarios, com vehemência do nosso espirito de republicanos, n'um gesto grandioso, que só nos pode nobilitar e engrandecer, façamos a apothese da Liberdade, implantando a Republica na nossa querida patria. E' a melhor commemoração d'aquelle heroico movimento» . . .

2.º

Os contestantes não engeitam, antes assumem expressamente a responsabilidade que possa caber-lhes pela auctoria e publicação das passagens transcriptas. Todavia,

3.º

E' evidente que nas ditas passagens não existe abuso de liberdade de imprensa, e muito menos o delicto da provocação publica ao crime, previsto no art.º 483 do cod. penal, e que o M. P. citou na sua petição inicial. Com effeito,

4.º

Para que se dê o crime do art.º 483, é preciso que o seu auctor provoque a um *crime determinado*. Ora

5.º

A melhor prova de que tal não se dá nas passagens acima transcriptas, está em que o douto accusador aliás tão habituado a manusear o codigo penal, não indicou qual o crime *determinado* a que as passagens sublinhadas provocam o publico.

6.º

E essa indicação era essencialissima, já para se saber a pena applicavel, já para se verificar se da provocação se seguira ou não effeito, pois se n'este segundo caso podia manter-se a qualificação do delicto, devendo no outro caso considerar-se o provocador como cumplice do crime provocado e levado a cabo conforme é expresso no art.º 483, que diz o seguinte:

«Aquelle que, por discursos ou palavras proferidas publicamente, e em voz alta, ou por escripto de qualquer modo, publicado, ou por qualquer meio de publicação, provocar a um crime determinado, sem que siga effeito da provocação, será punido com a prisão correccional, e multa de tres meses a tres annos, salvo se ao crime, a que provocou fór pela lei imposta uma pena menos grave, a qual será n'este caso imposta ao provocador».

«§ unico. Se da provocação se seguiu effeito será o provocador considerado como cumplice, e ser-lhe ha sómente imposta a pena de cumplicidade.»

7.º

Está, pois, insanavelmente nullo o processo.

8.º

Nem se diga que a Revolução a que se referem as passagens incriminadas, constitue um crime, pois em todo o codigo penal e na legislação penal avulsa não ha um só artigo, que preveja como crime a Revolução. E na verdade.

9.º

O movimento colectivo, a que se dá em sciencia sociologica o nome de Revolução, é sempre legitimo, porque

representa a defeza do organismo Social contra instituições perniciosas, que, ou impedem violentamente o progresso por meio do despotismo, ou embaraçam a vida normal da nação pela extirpação systematica dos seus rendimentos. E por isso

10.º

As sociedades modernas incluindo a portugueza, resultavam, todas, de Revoluções salvadoras, progressivas, que constituem para cada povo e para a humanidade inteira a maior gloria, o mais nobre brazão da nossa especie

11.º

As constituições garantem, umas expressamente, outras implicitamente como a nossa, o direito da Revolução.

12.º

Os tratadistas de direito politico, incluindo os professores da nossa Universidade defendem o direito colectivo, da Revolução.

13.º

O actual ministro do reino conselheiro Dias Costa, considera legitima a Revolução quando no poder ha despotismo ou seja quando se verificam as circumstancias a que aludem as passagens acima transcriptas.

14.º

N'estes termos, é evidente que os contestantes procederam no uso do seu direito, um escrevendo e outro dando á publicidade o artigo incriminado.

15.º

E no seu procedimento não houve nem podia haver intenção criminosa ou culpa.

16.º

O presente processo foi evidentemente instaurado por virtude de qualquer recommendação muito especial, e decerto não teve como causa o artigo ou artigos referidos na petição.

17.º

O processo resultou do facto de ter o numero incriminado do «Xuão» publicado na pagina central os retratos de Manoel Buiça e Alfredo Costa.

18.º

E', porém, contraproducente, pois a lei não prohibe publicar taes retratos, nem prestar homenagem a qualquer individuos, vivos ou mortos.

19.º

As perseguições de qualquer ordem, quando injustas e odiosas, só produzem o reforço dos sentimentos, crenças ou idéas, que se propõem combater.

20.º

Nos termos expostos e nos de direito, deve o processo ser annullado, ou devem os contestantes ser absolvidos e mandados em paz, sem custas por as não dever o Ministerio Publico.

TESTEMUNHAS

- 1.º—Francisco Felisberto Dias Costa, ministro do reino, residente n'esta cidade.
- 2.º—Antonio França Borges, casado, jornalista, rua de S. Roque, 103.
- 3.º—Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, casado, professor, rua de S. Bernardo, 56.
- 4.º—Dr. Sebastião Magalhães Lima, solteiro, jornalista, rua de S. Roque, 96, 2.º
- 5.º—João Chagas, casado, jornalista, Avenida Duque d'Avila, M, 3.º

O advogado,

(a) Affonso Augusto da Costa.

A QUARTA QUERELLA — Sem commentarios

Por mandado do ex.^{mo} Juiz de Direito do 2.º Districto Criminal, fica citado Estevam de Carvalho, director do semanario «O Xuão», cuja redacção é na travessa da Espera, numero cincoenta e tres, primeiro andar, para no praso de dez dias a contar de hoje, apresentar, querendo, no mesmo Districto e cartorio do escrivão Tavares de Mello a sua contestação no processo crime que lhe move o Ministerio Publico pela publicação no exemplar numero cento e quatro de vinte e dois de Fevereiro ultimo do semanario «O Xuão» na quaria e quinta paginas, da estampa «O Zé dos Passos» e os dizeres «Quem devia ir á frente era eu e não aquella porca desavergonhada» incurso no numero cento e trinta, artigo primeiro do Código Penal, o que constitue abuso de liberdade de imprensa nos termos do artigo quinto da lei de onze de Abril de mil novecentos e sete.

Lisboa, doze de Março de mil novecentos e dez.

O official de diligencias do 2.º Districto Criminal

Augusto Leal.

UM DISFARCE DE RECURSO



Só com esta trapparem é que eu escapo d'estes gajos.

Pagina
sobre a questão theatral
Artigo de Alberto Barbosa
(Rei Luso) e retratos de Adeli-
na Abranches, Medina de
Sousa, Etelvina Serra, Anto-
nio Pinheiro, Luz Junior,
Affonso Taveira e José An-
tonio do Valle.

CHRONICA

Apontamentos para um
«Manual do preso politico»

Positivamente encontro-me em maré de sorte. Obrigado e escrever a chronica d'este numero deixo de o fazer para publicar uma carta interessantissima que recebi e que bem pode servir de base a um trabalho de maior folego. O meu amavel correspondente indica na sua carta a attitude a manter por um preso politico, perante os pseudo-juizes que pretendem interrogalo. E' um trabalho util porque bem pôde servir a muita gente, como o demonstra o caso de agora com as pretendidas associações secretas.

Alguns presos, por falta de pratica, suprehendidos ingenuamente com a prisão, em frente de qualquer guarda imbecil que se dá aresde arguto, julgando que, devido às suas chalaças grosseiras de ordinarios prevertidos, conseguem arrancar o que o preso não pôde ou não deve dizer.

As precauções são necessarias e todos devem seguil-as cuidadosamente, como se seguem as prescripções medicas no caso de tomar algum medicamento.

Leiam! Aprendam!

Meu amigo

Sei que escreve n'*O Xuão* e, por consequencia, as indicações que vou dar-lhe podem ser uteis a centenas de creaturas ameaçadas de serem victimas de um juiz a que o *Mundo* chama ex-ir. Hoche e a que eu chamarei mais singelamente, e sem pontinhos enigmaticos — *um grande maluco*.

Ora não comprehendo que se deixe de fazer um *manual* para todos se acautellarem contra esse juiz e a sua tropa de individuos registados na Boa Hora como varões illustres, quando se publicam diariamente manuaes para todos os usos, desde o lavar a cara e entrar n'uma sala, até aos que indicam a forma de ser *escroc* ou de jogar a roleta, com probabilidades de exito... para o banqueiro...

Tentemos, pois. meu amigo, fazer um *manual do preso politico*. Creia, é um serviço prestado aos cidadãos portuguezes, todos elles ameaçados de irem parar a incommunicabilidade horrivel onde não podem dormir, porque a cama é dura... como madeira; onde não podem falar a não ser com alguma tormiga generosa e santa que appareça a acompanhar no captiveiro; onde não podem, por vezes, fumar porque a inquisição policial os prohibe d'esse habito innocente que acompanhou os nossos avós e acompanha os nosso filhos, quasi desde que saem do ventre materno.

Vamos, pois, a isso, meu amigo, com a consoladora certeza de que poderemos ser uteis a alguém...

O preso, parece-me, faz mal em responder a perguntas que não digam respeito á sua identidade. Mesmo nas que dizem respeito á sua identidade podia desculpar-se declarando que se o tinham procurado para o prender é porque sabiam bem o seu nome e a sua morada.

Qualquer dos esbirros perguntava:
— O seu nome?
— O senhor que me procurou é porque me conhece...

— Diga, vá...
— O senhor bem me conhece.

Depois — suponhamos que se trata do caso das associações secretas, ultimamente tão falado — viria a pergunta sobre o pretendido delicto.

— O senhor sabe de que o acusam?
— Não sei.

— De fazer parte de uma associação secreta.

— Sim? Não sabia.

— Pois sabemos nós...

— Sabe? Então sabe mais do que eu.

— O senhor não brinque. Isto aqui é muito serio.

— Bem sei. Eu não brinco. Não sei de associações secretas, como não sei latim.

— O senhor não conhece X?...

O preso se conhece responde logo:

— Conheço.

— Fala com elle muitas vezes?

O preso diz a verdade: sim ou não.

— Em que assumptos fallam?

— Diversos. Questões de trabalho, de theutros, passeios, mulheres...

— Mais nada?

— Acha pouco?...

— E de associações secretas?

— Ora! Associações. Associação secreta é cada um com a sua familia.

— Pois F... disse-me que o senhor fazia parte de uma associação secreta...

— Coitado, quiz divertir-se comigo.

— Divertir-se comigo?

— Pois está claro.

— Bem, nós nos entenderemos.

N'esta altura o agente deve estar adormecido e envia o preso de novo para o calabouço.

O preso vae e vae resignado, porque, n'estes casos, nada vale como a serenidade.

No isolamento do calabouço, entre as quatro paredes que o sequestram ao mundo, á vida, á familia e aos amigos, o preso deve, principalmente, pensar na negativa, na forma de não se deixar ludibriar, a não ser que prefira o Limoeiro, a Africa, ou a morte.

Meu amigo; se me dá licença fico hoje por aqui e em proxima carta direi o resto.

amº certo.

X.

Espero ansiosamente a proxima carta. Oxalá seja util.

José do Valle

SONETO

Tenho ouvido dizer a muita gente
Que os padres com pequenas excepções,
São animaes inuteis, mandriões,
Sem trabalhar, comendo fartamente.

Explorando a toleima, o povo crente,
Com missas, agua benta e orações,
Sugam a melhor seiva das nações,
E o amargo suor do indigente.

Vivendo em libertina ociosidade,
Não produzem riqueza, utilidade,
São do progresso incontestavel peia.

Assim fallam, *mentindo*, uns pobres loucos,
Quando os padres produzem, como poucos,
Bastardos filhos em mulher alheia.

HA-XIS.



Com que então o bispo de Beja ..
aspira a *Papa!*!...



O Opportino vae partir para Biarritz.

Leva um cento do *Almanach dos Namorados* e aquellas coplas da *Revista de Cupdo*.

Ai, menina Rosa
Trago um pecego lindo p'ra lhe dar!



A um que está n'elle sem o ter

Se um dia parvoalho fanfarrão
Recuperares o uso da razão
E vejas o passado de sandices
E quantos centenares de tollices
Tens feito n'esta terra que tortura;
Levanta as patas, zorra, dá aos braços,
Por entre o teu sequito de palhaços
E julga-te a maior cavalgadura,

Ao bruto recoveiro, teu senhor,
Ensina a odiar, a ter rancor;
E sobre o teu costado, um burriqueiro
Dará ao dono teu algum dinheiro
Por ti, pois fôra já o teu nababo,
Porém se algum masmarro safardana
Quizer botar-te dura partazana
Acena-lhe as orelhas, dá ao rabo.

Se do espinhaço teu, então, chaguento
Pender a opa negra d'um portento
Dizendo-te baixinho, em segredo,
Que trotes ou galopes sem ter medo;
Avança com ingenita coragem
Por entre a turba-multa em confusão
E leva de presente á reacção
Dos impios e *pagãos* a vil roupagem.

Reduz-te a ophiophago rafeiro
E sobre o dorso afixa um letreiro
Aonde leiam *condes e marquezes*.
Porém, se te abundarem os freguezes,
Da velha Gallia homens aguerridos,
A tua obra já universal
Será cantada a grande instrumental
Por entre um côro triste d'opprimidos!

STIL.



A nova moeda do marquês de Pombal esta uma *maravilha*.

Macacos nos mordam se o padre Mattos não deitou enguiço ao cunho antes da impressão.

Arrevesada coisa.



O Balsemão, quando reabre a carreira de tiro do Pelourinho?

Gargalhada

A questão das feiras.

Apareceu uma comissão de industrias e tal etc. de Alcantara, pedindo para a feira não se fazer ali, por causa do operariado, que ia gastar tudo á feira e *much's cosas mas*.

Ora a gente sabe muitissimo bem o que isso é, e o que representa esse interesse dos varios fabris das uniões, pelo bolso dos operarios.

Aquelle terreno onde se costuma fazer a feira convem tanto a certas fabricas de cebo derretido, que enchem o Aterro de uma fedorentina terrivel, que enjoa a quem infelizmente lá passa, que o interesse da bolsa do operario occupa aquellas cabeças de fabrilissimos senhores.

O conde de Burnay já fallecido, é que podia dizer como lhe apanharam a assignatura para um protesto identico, vindo do mesmo sitio.

Que mólhinho de agriões e silvas fabris da santa União do Fedor do Aterro!!!

Se quiserem mais, peçam por bocca porque até temos a historia de um garoto que ia saltar e brincar para o recinto da feira e obrigou o pae a andar a angariar assignaturas para o obnoxio e destemperado protesto dos *moral stas* de Alcantara com o Alfredo da Silva á frente.

Prejudicar uma classe
Por int'esses pessoas,
Não é possível que passe
E' demais!

A tal comissão magana
Encontra á frente um sujeito;
Fica o resto p'ra semana
Isto vae com tempo e... geito.

Dizem de Loanda que a Escola official d'ali está na posse das *irmãs da caridade*, que pelos modos são umas professoras, que sabem de tudo.

E' magnifico.

Os rapazinhos sahem de lá com a *escola completa* e entram na vida com a pratica de ajudar á missa, cantar no côro e fazer outros serviços proprios; as raparigas dão em... *manas* e desatam a consolar os homens pelo divino amor de Deus.

Santissimo trabalho.

Sem receio de sarabanda
Por sorte das mais maganas,
Quem nos déra ir p'ra Loanda
P'rá escola das santas *manas*.

Com um bocado de pratica,
Cheios de divina união,
Aprendiamos grammatica
E tambem... introdução.

ORLANDO.

Andam novamente por ahí umas novas *queijadinhas* d'água benta, vulgo canastras, a distribuir bentinhos e orações, a troco de qualquer obulo.

Olhem: mettam-lhe trinta e cinco nas unhas mas não deixem de comer uma... indulgencia.

IMPOSSIVEIS

Acabar a questão entre os livreiros Silva e Carneiro.

—Deixar de apparecer nos jornaes a palavra gatuno sem o respectivo *famigerado* e a palavra juiz sem o competente *integerrimo*.

—O ex-Hoche deixar de ser *mathias* da cabeça.

—Vir para Lisboa a annunciada companhia de zarzuela que devia representar no theatro Avenida.

—O grande actor Joaquim d'Almeida ter escriptura.

—Acabarem as querellas ao nosso jornal.

—O sr. visconde de Boaventura escrever uma opinião pessoal.

—Saber-se quando é o julgamento do Xuão.

—O filho do chefe Simões deixar de commandar a policia na travessa da Palha.



A MEIAS

V

Já dizem que ha-de vir certo cometa,
Que nos põe a nós todos de conserva,
Não fica com vigor nem uma herva
E morre tudo que ha n'este planeta...

Se o caso é verdadeiro e não é petat'
Não gosará o Zé, que tudo observa,
Se puder vêr morrer essa caterva
De bufos e jesuitas de roupeta?

ORLANDO.

Dava o *sim-senhor* mais uns tostões,
Se acaso visse os torpes marmanjões
Desandarem d'esta vida a bom correr...

Porém será mais facil ir o Zé,
Do que essa tropa immunda, vil ralé,
Que nunca mais nos larga, pôdes crêr!...

REI LUSO.



Associação dos Compositores Typographicos

Para inauguração do palco realison-se no domingo passado uma recita n'esta prospera collectividade a qual decorreu no meio do maior enthusiasmo.

O espectáculo que constou de applaudidas comedias, começou ás 10 horas da noite, depois d'uma interessante conferencia sobre o theatro, do nosso illustre correligionario Agostinho Fortes.

Houve um acto de *folies-bergéres* no qual se destacou o applaudido actor Augusto Martins, n'uma engraçadissima cançoneta.

Agradecemos reconhecidamente o convite que nos foi dirigido.



O Antoninho d'Arroyos vae mandar prender quem fôr ás retretes.

Diz elle que são sociedades... secretas.



Theatradas

Temos um genio levado da breca!
Em nos zangando por qualquer circumstancia somos peiores que o diabo.
Treme o ceu e treme a terra,
Não tremas, porem, o leitor amigo, por-

que a pistola está descarregada e não ha razão para isso.

Zangámo-nos, berrámos e gesticulámos ha noites no theatro.

D. Amelia onde em breve sobe á scena a *Santa Inquisição* de Julio Dantas. E' peça que as *canastras* e os *thallassas* talvez queiram contrariar com os costumados coices, mas que nos dizem ser boa a valer.

Tenha, pois, cautella a cambada reaccionaria se na *primeira* quizer desembestar.

Porque nos zangámos no elegante theatro?

Porque uma lourinha toda catita nos enfeitou primeiro, mandando-nos depois á fava em pleno «jardim de inverno».

Tão zangados ficámos que desandámos para

D. Maria que lá tem a linda farça de Molière o *Burguez-fidalgo*, bellissima traducção do espirituoso Eduardo Garrido.

Não perdemos o nosso tempo porque encontramos uma antiga conquista que foi corista da

Trindade onde continuam agradando o *Sonho de Valsa* e a *Viuva Alegre* emquanto se ensaia a *Moura de Silves*, linda opera comica com musica de Guerreiro da Costa.

A pensar na lourinha do D. Amelia a corista apesar de moren', deu-nos appetite para um bocado de cavaco e nos intervallos a Floresta viu uma fona. Quando acabou o espectáculo fomos dar uma volta lendo os cartazes entre os quaes destacámos o do

Principe Real que nunca mais retira de scena o *Sol e Sombra*, a espirituosa revista que tem attrahido enorme concorrencia e o do

Gymnasio que achou uma verdadeira mina no *Dr. Zebedeu*. Para a epoca de verão lá teremos no elegante theatroinno uma revista representada por uma companhia de que fazem parte Palmira Bastos e Alfredo de Carvalho.

Não é preciso dizer mais

A corista, apesar de mulher, gosta da pinga e alvitrou irnos ás portas de Santo Antão beber uma ginginha, alvitre que foi aceite com uma pequena modificação: não beber só uma.

Conchegadinhos por dentro e molhados por fóra, porque chovia a cantaros, passámos pelo

Colyseu dos Recreios, que apresenta uma bella companhia de variedades com numeros de absoluta novidade e de caminho fomos ao João dos Globos que fica de frente do

Rua dos Condes, onde o *Fado e Maxice* com o novo quadro o *Carnaval Alfacinha* que tem boa critica e coplas no vas na *cégada* vae indo de vento em pópa para gaudío do amigo Luz que é uma *cara direita*.

Um copinho de licor Moritz que é bem bom e lá fomos dar pouce n'uma esburacada casa da Calçada da Gloria onde dormimos como bons amigos.

A corista, que agora está desempregada, esperava que abrisse a feira, mas como a camara municipal resolveu prejudicar os pobres feirantes desterrando-os para Belem com um tempo d'estes, tem de, coitada, viver do ar porque nenhum feirante cahiu em ir perder dinheiro para tão agourento sitio. Honra lhe seja feita.

Almoçámos e jantámos juntos; á noite fomos ao

Music-Hall onde está a companhia de operetta do nosso amigo John Wannon e a seguir ao

Chiado Terrace que apresenta as ultimas novidades animatographicas tal como faz o

Salão da Trindade que se não poupa a esforços para contentar os frequentadores.

Mas passadas as primeiras impressões a tal lourinha não nos sabia da cachimonia e por isso a procural-a percorremos todos estes salões que apresentam continuamente novidades: **Avenida**, **Fantastico**, **Rocio**, no Arco de Bandeira, **Recreio do Povo**, no L dos Cannos, **dos Anjos** travessa do Borrallho, e etc., etc., etc.

A lourinha nunca mais appareceu e nós vamo-nos remediando com a corista.

SECRETARIO.

CONCURSO DE PAPAGAIOS



O pequeno—este vae ás nuvens e ás noivãs.
A rapoza—se o meu, com o beque furasse áquelle balão?!...